

# EXPOSIÇÃO "HEITOR DOS PRAZERES É MEU NOME": FABULAÇÕES POÉTICAS DA PRESENÇA NEGRA NOS MUSEUS E ESPAÇOS DE ARTE<sup>1</sup>

*Nutyelly Cena de Oliveira<sup>2</sup>*

*Luzia Gomes Ferreira<sup>3</sup>*

**Resumo:** Nesta experiência, discutimos nossa visita como duas museólogas e antropólogas negras à exposição "Heitor dos Prazeres é meu nome", com curadoria de Pablo León de la Barra, Raquel Barreto e Haroldo Costa, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), na cidade do Rio de Janeiro/RJ, no período de 28 de junho a 18 de setembro de 2023. Destacamos, assim, a vida e a beleza negra de Heitor dos Prazeres. Para aprofundar essas questões, compartilharemos nossas reflexões como mulheres negras em diálogo com as propostas metodológicas de autoras como Rosane Borges, Saidiya Hartman, Christina Sharpe, Denise Ferreira da Silva e bell hooks.

**Palavras-chave:** Artes Visuais. Racialização. Práticas Negras. Exposição. Olhar Opositor.

## **"HEITOR DOS PRAZERES IS MY NAME": POETIC FABLES OF BLACK PRESENCE IN MUSEUMS AND ART SPACES**

**Abstract:** *In this experience, we discuss our visit as two Black museologists and anthropologists to the exhibition "Heitor dos Prazeres is My Name," curated by Pablo León de la Barra, Raquel Barreto, and Haroldo Costa, held at the Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) in Rio de Janeiro from June 28 to September 18, 2023. We highlight the life and beauty of Heitor dos Prazeres. To deepen these issues, we share our reflections as Black women in dialogue with the methodological proposals of authors such as Rosane Borges, Saidiya Hartman, Christina Sharpe, Denise Ferreira da Silva, and bell hooks.*

**Keywords:** *Visual Arts. Racialization. Black Practices. Exhibition. Oppositional Gaze.*

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), em 2024, no Grupo de Trabalho 070: "Memórias Sensíveis, Contramemórias e Patrimônios Incômodos: Políticas, Suportes e Narrativas nas Cidades", coordenado pelo Prof. Dr. Hugo Menezes Neto (UFPE) e Prof.ª Dr.ª Lilian Alves Gomes (UCAM).

<sup>2</sup> Museu Nacional- PPGAS/UFRJ. Doutoranda em Antropologia Social.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Pará. Doutora em Museologia.

## EXPOSIÇÃO "HEITOR DOS PRAZERES É MEU NOME": FABULAÇÕES POÉTICAS DA PRESENÇA NEGRA NOS MUSEUS E ESPAÇOS DE ARTE

### Introdução

Ao revisitar nossas memórias e escritas, destacamos nessa grafia conjunta, o caminho percorrido junto com Conceição Evaristo (2017) e o conceito de escrevivência como uma maneira de indicar que sua obra e sua existência são indissociáveis, por mais que a lógica colonizada de se produzir conhecimento diga que precisa ser separado/neutro. A escrevivência, atrelada à escrita deste texto, também evoca o sentimento de estilhaço da *máscara do silenciamento*, desafiando a gravura de Anastácia. Pois, se as imagens também têm o poder de reproduzir violência, pensamos na possibilidade de escrever sobre beleza e humanidade. Ao mesmo tempo, voltamos à Evaristo, em um movimento que busca chamar a atenção para um movimento transgressor de fala, coletivo e que se recusa a perpetuar representações que evocam uma violência interminável.

Aquela imagem da escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara. Porque todo nosso processo pra eu chegar aqui, foi preciso colocar o bloco na rua e esse bloco a gente não põe sozinha (Evaristo, 2017, online).

Sendo uma curadora e a outra poeta, mulheres negras nordestinas com experiência em pesquisas recentes, despertou em nós um interesse pelas fabulações poéticas da presença negra em museus e espaços de arte. Esses estudos abordam diferentes formas de pesquisar e constituir nossos arquivos, incluindo etnografias de exposições, catálogos, imagens, anotações guardadas e circuladas, signos, formas, fotos e outras referências. Esses materiais são organizados em cadernos, textos, desenhos, fotografias e diversos documentos.

Quando se trata de nossos campos de atuação, as disputas em torno da narrativa e dos próprios fatos, presentes nos acervos e arquivos e condicionadas por questões que surgem no tempo presente, revelam os silenciamentos inevitáveis em qualquer construção narrativa. Michel-Rolph Trouillot, acadêmico e antropólogo haitiano-americano, argumenta que esses silêncios surgem em momentos cruciais, como na criação do fato (elaboração das fontes), na composição do fato (elaboração dos arquivos), na recuperação do fato (elaboração da narrativa) e na significância retroativa (elaboração da história) (Trouillot, 2016).

Em consonância com essa perspectiva, compreendemos que nossas atuações nesses campos exigem um olhar cuidadoso para enfatizar discussões mais amplas. Nesse sentido, é crucial ir além da discussão sobre o caráter colonial dos museus e arquivos, considerando suas imprecisões e lacunas nas propostas expositivas, nos acervos e nas formas documentais dos arquivos. Ariella Azoulay, curadora e teórica da arte, em sua obra "*Archive. Political Concepts: A Critical Lexicon*" (2012), enfatiza a ideia de que a constituição e o uso dos arquivos geram reparações, restituições e silenciamentos. Portanto, a análise de Azoulay complementa a perspectiva de Michel-Rolph Trouillot, onde os arquivos se configuram como operações de processos que inevitavelmente criam lacunas e silêncios

Em relação a essa questão, Saidiya Hartman pergunta: "É possível exceder ou negociar os limites constitutivos do arquivo? Pode a beleza fornecer um antídoto?" (Hartman, 2021). Essa indagação nos levou a refletir sobre como tais questões podem servir como disparadores para adentrar o arquivo ou desafiar seus limites, que registram e fragmentam as ruínas cinzentas de um projeto colonial de memória. Atualmente, essas ruínas cedem espaço a um movimento perceptível de encontros e beleza, evidenciando elementos das histórias e suas bases de construção, e permitindo a reorganização e rerepresentação dos arquivos a partir de perspectivas divergentes.

Enquanto pesquisadoras, de que maneira podemos repensar e reconfigurar o modo como museus e arquivos reúnem, organizam, preservam e disponibilizam informações, a fim de pensarmos para além de uma representação contextualizada das vivências e saberes das comunidades? Isso implicaria no movimento das instituições de se deixarem ser interpeladas para a construção de novas narrativas, para a descolonização dos seus acervos e adotarem uma abordagem crítica em relação à história e à memória. Em síntese, é fundamental imaginar que os museus e arquivos gerem mais questionamentos, busquem reparações e deixem que novos olhares possam ser construídos como possibilidade de dismantelar as hierarquias e silêncios que perpetuam o colonialismo.

**Figura 1** - Dois olhares positivos, Nutyelly Cena e Luzia Gomes.



Fotografia das autoras.

### **Heitor dos Prazeres: um pintor extraordinário**

No dia 5 de agosto de 2023, às 11h, duas mulheres negras, Luzia e Nutyelly, se encontraram na estação de metrô Siqueira Campos, em Copacabana, e seguiram para o Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, para visitar a exposição "Heitor dos Prazeres é meu nome", com curadoria de Pablo León de La Barra, Raquel Barreto e Haroldo Costa.

A exposição foi uma experiência singular para nós, mulheres negras, pois nos levou a refletir sobre o impacto que ela teve em cada uma de nós. Ficamos profundamente encantadas pelas cores e formas vibrantes nas obras de Heitor dos Prazeres. Suas telas, que retratam personagens negros em movimentos dinâmicos, apresentavam uma forma festiva de organização comunitária, mesmo diante do racismo. Heitor dos Prazeres capturou em suas obras a beleza da vida e a celebração da existência negra.

Dialogando com Saidiya Hartman (2022), podemos entender que a beleza no cotidiano negro ultrapassa a ideia de luxo, criando possibilidades mesmo em contextos de restrição. Hartman define

essa beleza como uma arte radical de sobrevivência, que transforma o que é dado e expressa um desejo de adornar, refletindo um amor pela abundância. Como ela coloca:

De algum modo, é reconhecer o óbvio, mas aquele que é aceito com relutância: a beleza do cotidiano negro a beleza que anima a determinação de viver livre que reside nela, a beleza que anima a determinação de uma vida contrária. Isso inclui o extraordinário e o mundano, a arte e o costume do dia a dia. Beleza não é luxo; ao contrário, é uma forma de criar possibilidade no espaço da clausura, uma arte radical da subsistência, o acolhimento do que é horrível em nós, uma transfiguração daquilo que é dado. É um desejo de adornar, uma tendência ao barroco e o amor pela abundância (Hartman, 2022, p. 53).

Essa perspectiva reconhece a força que impulsiona a determinação de viver livre, englobando tanto o extraordinário quanto o cotidiano, a arte e os costumes diários. No entanto, enquanto caminhávamos entusiasmadas pelas salas expositivas, percebemos a predominância de corpos brancos no espaço. Contudo, mantivemos nosso foco nas obras de Heitor dos Prazeres e percebemos uma conexão com filmes contemporâneos, como "Temporada" de André Novais e "Marte Um" de Gabriel Martins, ambos mineiros. Esses trabalhos, tanto no cinema quanto na pintura, oferecem possibilidades emancipadoras para representar a experiência das vidas negras e desafiar a narrativa estetizada da violência imposta aos corpos negros.

Como pesquisadoras, observamos que esses três artistas negros apresentam olhares opostos às narrativas tradicionais. bell hooks (2019) afirma que existem espaços de agência para pessoas negras onde podemos interrogar o olhar do Outro e também olhar de volta, criando um espaço de resistência e afirmação da consciência. O 'olhar' é um lugar de resistência para o povo negro, permitindo uma visão crítica e posicional.

Existem espaços de agência para pessoas negras, onde podemos ao mesmo tempo interrogar o olhar do Outro e também olhar de volta, um para o outro dando nome ao que vemos. O 'olhar' tem sido e permanece, globalmente, um lugar de resistência para o povo negro colonizado. Subordinados nas relações de poder aprendem pela experiência que existe um olhar crítico, aquele que 'olha' para registrar, aquele que é opositor. Na luta pela resistência, o poder do dominado de afirmar uma agência ao reivindicar e cultivar 'consciência' politiza as relações de 'olhar' - a pessoa aprende a olhar de certo modo como forma de resistência (hooks, 2019, p. 217).

Neste contexto, destacamos a exposição temporária "Heitor dos Prazeres é meu nome", que não apenas apresentou suas obras e trajetória, mas também enfatizou seu papel na luta e resistência da comunidade negra no Brasil. A mostra incorporou elementos poéticos e narrativos que evidenciam a presença negra em espaços museológicos e na cena artística. Durante nossa visita, observamos como a vida e a beleza negra de Heitor dos Prazeres foram retratadas em suas obras.

### **Heitor dos Prazeres: a recusa como agenciamento de sua própria imagem**

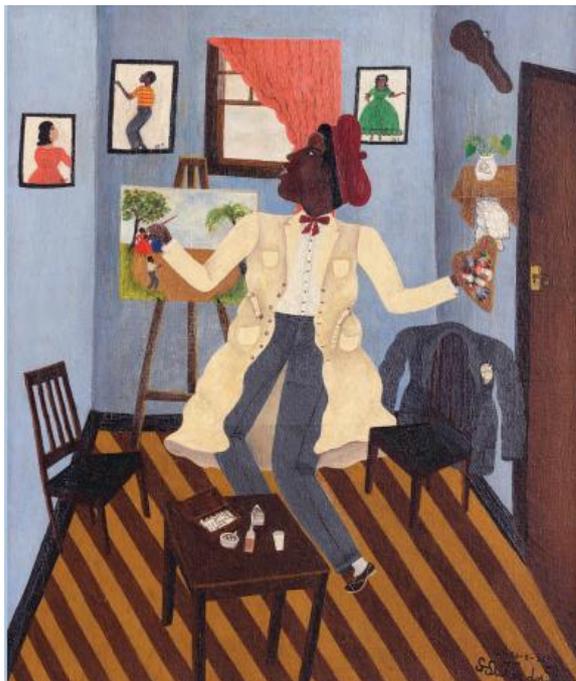
Ao visitarmos essa exposição juntas em agosto de 2023, percebemos que a vida e beleza negra de Heitor dos Prazeres, como compositor, instrumentista, poeta e pintor, foi retratada na mostra que incluíram as paisagens pintadas pelo artista, retratando cenários do norte fluminense ruralizado, a formação dos subúrbios e das favelas, e cenas rurais do início do século XX, correspondentes às atuais zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro.

A contribuição de Heitor amplia além do que é esperado pela institucionalidade de estar no cerne de uma disputa de narrativas contemporâneas. O que nos atravessa ao visitar exposições de curadorias negras é a beleza de lidar com o arquivo, que se manifesta como uma performance, uma autoficção. Essa experiência muitas vezes é marcada por uma fissura ou constrangimento criado por uma prática autoficcional e poética, que atua simultaneamente como uma negociação e uma fuga das imposições coloniais, as quais tornam determinados espaços possíveis para corpos dissidentes.

Entendemos que o recorte dessa exposição é delineado pela capacidade da curadoria de fabular as possibilidades de nossas vidas negras, ao mesmo tempo em que criam novos arquivos e se movimentam contra os arquivos coloniais, ultrapassando os limites que eles impõem.

Foi exatamente por meio dos arquivos que tivemos acesso à vida de Heitor, que nasceu em 23 de setembro de 1898 e foi criado na Praça Onze, no Bairro da Saúde, Zona Portuária do Rio de Janeiro. Desde pequeno, a música e a arte foram fundamentais em sua trajetória. Seu pai, Seu Eduardo, era clarinetista e frequentemente reunia a família para tocar dobrados, polcas e choros. Sua mãe, Dona Celi, ensinou-o a costurar e a criar figurinos.

**Figura 2** - Sem título/*Untitled*, 1955, óleo sobre tela/*oil on canvas*, 55 x 46 cm Coleção/*Collection* Kátia Mindlin.



Fonte: Catálogo “Heitor dos Prazeres é meu nome” (2024).

O mais interessante é que Heitor, conhecido como Lino na infância, cresceu nas vibrantes ruas do Rio, onde trabalhou como engraxate e vendedor de jornais. A capoeira e o cavaquinho eram suas fontes de alegria. Após um período de reclusão aos 11 anos, ele renasceu nas rodas de samba, adotando o nome de Mano Heitor do Cavaco. Mais tarde, como "Heitor dos Prazeres", nome sob o qual assinou suas obras artísticas, que incluíram pinturas, canções e partituras, cruzaram fronteiras e foram expostas ao redor do mundo.

Sua carreira nas artes visuais começou ao retratar a realidade da população negra e a vida nas favelas cariocas. Destacou-se como sambista, compositor e instrumentista, participando da fundação de importantes escolas de samba, como Portela e Mangueira. Sua trajetória é um testemunho de beleza e resiliência, refletindo a rica conexão entre a vida negra e a arte. Cada passo que deu foi em busca de um lugar que sempre foi seu. A música e a pintura permitiram-lhe expressar a alegria de nossa gente. A arte é, sem dúvida, uma forma de resistência e celebração de sua vida.

“Heitor dos Prazeres é meu nome!”, cuja beleza evidencia uma reimaginação radical que emerge da sua vida vibrante no Rio de Janeiro. Por meio de suas pinturas, sua voz poderosa ressoa hoje, refletindo um profundo compromisso com a ressignificação da historiografia colonial e a

experiência vivida pelas populações negras. As rasuras nos arquivos, juntamente com a presença do corpo negro radical e incisivo, abrem espaço para uma nova interpretação do contexto político e histórico.

**Figura 3** - Dos Olhares Opositivos: Luzia Gomes em meio aos materiais de arquivo e o catálogo do I Festival Mundial de Artes Negras, Dakar, 1966.



Fonte: Acervo IPEAFRO. Foto das autoras.

Heitor dos Prazeres foi reconhecido compositor, instrumentista e sambista, mas também desenvolveu uma produção visual impulsionada por um repertório singular. Sua obra afirmou um sentido de pertencimento e orgulho negro em um momento em que essas expressões se delineavam. A exposição revisita criticamente sua produção pictórica, que por muito tempo foi categorizada como "*naïf*" ou "primitiva", desconsiderando sua relevância e proposição.

Ao caminhar diante da exposição, foi possível notar que a mesma se divide em núcleos temáticos, reunindo objetos ligados à trajetória do artista, abordando artes visuais, política, música e moda. Ao longo do espaço expositivo, três salas cronológicas apresentam eventos relacionados à história do país e vida do artista. A ênfase, no entanto, está na pintura, que é dedicada a grande parte da exposição. O intuito é apresentar Heitor dos Prazeres às novas gerações, destacando a sua

trajetória profissional, em diálogo com a história social, evidenciando-o como um personagem incontornável para a cultura e a arte brasileiras.

Além das paisagens pintadas por Heitor dos Prazeres, que retratam cenários do norte fluminense rural, a formação dos subúrbios e favelas, e cenas rurais do início do século XX, correspondentes às atuais zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro, a curadoria utilizou materiais de arquivo e documentos para criar uma representação histórica e visual das pessoas negras. Destacou-se, ainda, a relevância do pensamento de bell hooks, cuja análise sobre o "olhar opositor" (hooks, 2019) funciona como uma forma de recusa das omissões e violências cotidianas impostas pela supremacia branca, abrindo espaço para a construção de novas narrativas e imagens futuras.

De forma semelhante, Saidiya Hartman, nesse contexto, exemplifica como contornar a violência do arquivo colonial por meio da fabulação crítica. Hartman enfatiza a importância de vislumbrar a beleza como uma oportunidade de possibilidade, questionando se a beleza pode servir como um antídoto para a desonra e se o amor pode resgatar vozes silenciadas e reviver os esquecidos (Hartman, 2020b, p. 16). Esses conceitos são fundamentais para uma compreensão mais profunda da expressão artística negra, evidenciando a trajetória expositiva proposta pela curadoria.

Rosane Borges ressalta que o discurso do reconhecimento surge da modernidade e da busca por novos modelos de representação e visibilidade para grupos historicamente marginalizados (Borges, 2016, on-line). Dessa forma, é crucial entender, especialmente através dessa exposição, os modos discursivos, artísticos e comunicacionais de resistência às imagens coloniais de controle que historicamente se proliferaram (Collins, 2019).

**Figura 4** - Reportagem “Pergunta de 13 de maio: para onde vai o negro brasileiro”, 1957. Revista Manchete, ed. 265. Texto de Haroldo Costa. Fotos de Orlando Alli e do arquivo da revista.



Custódia: Biblioteca Nacional.

Heitor dos Prazeres, junto com outros artistas, integra um grupo que desafia e propõe novos modelos de significação para si mesmos e suas experiências em uma sociedade que revisita constantemente o passado e reforça práticas de subalternidade. Ao questionar esse contexto, Heitor não apenas expressa sua resistência na busca criativa por novos caminhos, mas também pela recusa e recriação de espaços seguros para o refúgio.

Christina Sharpe também oferece uma perspectiva importante sobre os processos sociais e históricos, incentivando a reflexão sobre como contar uma história que se oponha à violência da abstração (Sharpe, 2023a, p. 24). Segundo Sharpe, a beleza é um método que deve ser observado, uma estética que, sempre que possível, escapa à violência (Sharpe, 2023b, p. 36). No contexto desta exposição, propomos buscar a beleza das vidas negras refletidas em "Heitor dos Prazeres é meu nome". A beleza é aqui considerada um direito incondicional de insubmissão e uma recusa ao sistema de imagens de violência.

### **Fabulações das curadorias negras nos museus e nos espaços de arte**

Nos últimos anos, temos testemunhado a ascensão de uma prática negra radical através de uma vasta gama de exposições, curadorias e artistas negros e negras. Esses trabalhos foram reconhecidos em eventos notáveis, como a Bienal de São Paulo (2023), a Bienal de Veneza (2024) e as últimas edições do Prêmio Pipa, além de receberem destaque nas principais instituições de arte em todo o Brasil. Esse reconhecimento não teria sido possível sem um desenvolvimento paralelo dentro das instituições museológicas: a ascensão de curadores negros e curadoras negras que desafiam e superam os padrões curatoriais tradicionais, ampliando a capacidade das instituições de reconhecer e valorizar uma diversidade crescente de artistas. Consequentemente, essa mudança nas instituições museológicas também teve um impacto significativo nas práticas curatoriais.

Atualmente, algumas práticas curatoriais estão profundamente influenciadas por uma poética negra e por uma tradição de pensamento radical negro. Como destaca Denise Ferreira da Silva (2019), essas mudanças resultaram na criação de uma diferença que não pode ser separada, exigindo uma reavaliação radical sobre como abordamos matéria e forma. Em resposta a essa

transformação, artistas têm trazido e proposto novas formas de explorar e transformar esses elementos, criando uma onda de inovação e desafio no cenário global da arte contemporânea.

O que está em disputa é o que precisará ser renunciado para conseguirmos libertar a capacidade criativa radical da imaginação e dela obtermos o que for necessário para a tarefa de pensar o mundo outra mente, nada menos que uma mudança radical no modo como abordamos matéria e forma. Ora, uma série de artistas têm trazido e proposto essas mudanças radicais do modo como se aborda matéria e forma (Ferreira da Silva, 2019, p. 37).

Dessa forma, essas práticas mobilizam e expõem a racialidade, rompendo com a transparência tradicional e permitindo a expressão das violações da colonialidade no cenário artístico contemporâneo. Esse fenômeno marca uma transformação significativa na cena artística, impulsionada por um arsenal de pensamentos e ações de artistas e curadores. No entanto, Saydia Hartman (2018), em "*Refusal and Radical Hope*", ressalta que a recusa não é sinônimo de desesperança, mas sim uma recusa em investir nas mesmas instituições que causaram a crise. Isso leva à reflexão sobre como muitos desses processos artísticos despertaram o interesse e a vigilância de instituições e mercados que anteriormente não reconheciam esses/essas artistas.

É importante não abrimos mão desses espaços oficiais de artes e memórias. Mas também é preciso entender que falar, pensar, olhar, investigar artes de autorias negras e memórias negras, não se restringe aos espaços museais e afins, e isso é um ponto importante de ser colocado. Por outro lado, é preciso alterar o regime de visibilidade impostos pelos museus e equipamentos culturais de artes que durante séculos, em muitos momentos reproduziram imagens violentas das vidas e existências negras. A historiadora da arte Anne Lafont nos informa:

A saber, as artes visuais contribuíram para a segregação dos humanos em raças categorias, cujo marcador primordial – até o desenvolvimento da ciência moderna distinguir os seres humanos com base na genética – era a cor da pele, expressada nas obras artísticas pela aplicação de pigmentos: em outras palavras na pintura (Lafont, 2023, p. 27).

Desse modo, observamos uma mudança nos espaços que outrora excluía sistematicamente, mas que agora se apresentam como interessados e "decoloniais", assumindo papéis de porta-vozes. Precisamos refletir sobre como esse pensamento radical tem sido uma força motriz para o desenvolvimento de trabalhos que renovam o cenário da arte contemporânea e como esses trabalhos estão constantemente negociando com o risco de apropriação e subordinação. Pensar na estética da tradição radical negra é imaginar a recusa aos códigos de subalternidade e branquidão. A geração atual de artistas, curadoras e curadores enfrentam a preocupação de não

permanecer ilegível, na margem, e de desafiar as estruturas estabelecidas. Essa preocupação se estende não apenas à cena artística, mas também ao contexto acadêmico, onde um pensamento crítico radical ainda luta para ser incorporado sem ser esvaziado ou destruído por instituições impermanentes. As ações contemporâneas também envolvem movimentos coletivos de reparação e justiça, incluindo estratégias racializadas como formas alternativas de se relacionar em um contexto de capitalismo racial.

### **Para não concluir...**

Para não concluir, encerramos este espaço compartilhado durante um evento de Antropologia, onde nossa contribuição se concentrou em investigações que valorizam o desejo e celebram a beleza. Esse trabalho oferece um convite para outras pesquisadoras e pesquisadores se unirem a práticas que destacam a importância de abordar nossa história e seu contexto histórico e social com uma nova perspectiva. Ao adotar essa abordagem, abrimos uma janela para narrativas que promovem o envolvimento e desafiam a abstração violenta.

A escrita deste texto e as imagens que o habitam também participam desse movimento, fazendo visíveis relações e aprendizados cuja condição de existência são outras em relação àquilo que evocam. Para tanto, fez-se necessário operar nas brechas e considerar esse plano em que realidades distintas se comunicam. A pesquisa curatorial e artística também se faz com movimentos, no acompanhamento de processos que nos tocam, nos transformam e produzem uma composição coletiva de saberes.

É justamente nesse universo fugaz, não em busca de verdades absolutas, que este texto se insere. Em vez disso, busca revisitar nossos arquivos, sugerindo novos ordenamentos e conferindo-lhes novos usos e sentidos, que emergem dos meandros entre saberes e vivências, nas incompletudes situadas entre visibilidades, invisibilidades e aparições. Ao cruzar fronteiras porosas, tentamos contar histórias dispersas entre linhas, olhares, gestos, presenças e ausências, percepções e pulsações. Esse processo visa criar movimentos de articulação para refletir sobre a importância da posicionalidade do corpo negro na construção de sua autoimagem e identidade, a partir da sua capacidade de ser afetado e de afetar os outros. Esses elementos são fundamentais para o

surgimento da subjetividade radical e podem também se transformar em imagens que moldam futuros.

Nossa investigação pode se expandir para discutir temas amplos, como o caráter para além do colonial dos museus e arquivos, suas imprecisões e lacunas, e as implicações das formas documentais. Alternativamente, pode-se focar em dimensões metodológicas que se mostrem especialmente relevantes entre os campos da Museologia, Artes e Antropologia. Essa perspectiva não só enriquece o entendimento das possibilidades de representação, mas também contribui para uma análise mais profunda e crítica da estética da tradição radical negra.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representações do outro. In: BORGES, Rosane; BORGES, Roberto Carlos da Silva (org.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: Dpet Alii; Brasília: ABPN, 2012. (Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates).

BORGES, Rosane. Política, imaginário e representação: uma nova agenda para o século XXI. **Blog da Boitempo**, 2016. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/02/16/politica-imaginario-e-representacao-uma-nova-agenda-para-o-seculo-xxi/>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

CARTA CAPITAL. Conceição Evaristo: "Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio". Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável e a poética negra feminista**. Online, 2021. Conferência Especial promovida pelo Comitê de Pesquisa "Sociologia da Arte". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8cqAbfXH3b0&t=5823s>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **Sobre diferença sem separabilidade**. 32ª Bienal de São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://issuu.com/bienal/docs/32bsp-catalogo-web-pt>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

LAFONT, Anne. **Les Noirs dans l'art et la culture visuelle**. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2023.

HARTMAN, Saidiya. LECTURE Refusal and Radical Hope. **YouTube**, 14 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XXQqyzTP1zU>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. **Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America**. New York: Oxford University Press, 1997.

HARTMAN, Saidiya. Tempo da escravidão. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 10, n. 3, p. 927-948, 2020a. Tradução de Carolina Nascimento De Melo. Disponível em: <<https://doi.org/10.31560/2316-1329.v10n3.4>>.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020b. Tradução de Marcelo R. S. Ribeiro e Fernanda Silva e Sousa. Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>>.

HOOKS, bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Curitiba: Huya, 2016. [Cap. 1 - O poder na estória].

SHARPE, Christina. **No Vestígio: Negridade e Existência**. São Paulo: Ubu Editora, 2023a.

SHARPE, Christina. **Algumas notas do dia a dia**. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. São Paulo: Fósforo, 2023b.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Ed. Oficina da Imaginação Política, 2019.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **Denise Ferreira da Silva: entrevista com Hans Ulrich Obrist**. In: OBRIST, Hans Ulrich (org.). Entrevistas brasileiras vol. 2. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

FERREIRA, Luzia Gomes. A poética da existência nas margens: percursos de uma museóloga-poeta pelos circuitos artísticos da Lisboa Africana. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 56, n. 12, p. 119-120, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6533/>>. Acesso em: 13 abr. 2024.



Capa: Foto integrante da Coleção IDIOSSINCRASIAS presente no Acervo Nagôgrafia Museu dos Cânones Negros, Registrada por Vitú de Souza. Dyana Santos segurando sua obra 'DESNORTEADO' - novembro de 2023, Contagem / Minas Gerais.

*revista eletrônica*  
**ventilando  
acervos**

*v. especial, n. 1, set. 2025*